

Sobre anarquismo, sexo
e casamento

edição brasileira© Hedra 2021
tradução© Mariana Lins
organização© Mariana Lins

agradecimentos Acácio Augusto

edição Jorge Sallum
coedição Suzana Salama
assistência editorial Paulo Henrique Pompermaier
revisão Renier Silva
capa Lucas Kroëff

ISBN 978-65-89705-23-9
conselho editorial Adriano Scatolin,
Antonio Valverde,
Caio Gagliardi,
Jorge Sallum,
Ricardo Valle,
Tales Ab'Saber,
Tâmis Parron

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.
R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil
Telefone/Fax +55 11 3097 8304
editora@hedra.com.br
www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

Sobre anarquismo, sexo e casamento

Emma Goldman

Mariana Lins (*organização e tradução*)

1ª edição

hedra

São Paulo 2021

Emma Goldman (1869–1940) foi uma revolucionária anarquista de origem russa, que migrou para Rochester (EUA) em 1886. Em 1899, mudou-se para Nova York e conheceu Alexander Berkman, destacado anarquista que além de grande amigo e companheiro político foi também seu amante durante determinada época. Como grande parte dos emigrantes do leste europeu, Goldman trabalhou em uma fábrica — de roupas —, onde tomou contato com as doutrinas socialista e anarquista. Ativista dos direitos da mulher, uniu-se a Margaret Sanger na luta pelo controle de natalidade e deu palestras por todo os Estados Unidos, um dos motivos que levaram à sua perseguição constante pelos agentes do FBI. Foi presa inúmeras vezes entre 1893 e 1921, acusada de incitar rebeliões e opor-se, entre outras ações, à Primeira Guerra Mundial e ao alistamento militar. Em 1931, publica sua autobiografia e mantém intensa atividade como palestrante, além de residir nos principais países da Europa. Durante a Guerra Civil Espanhola, em 1936, apoiou ativamente os anarquistas na luta contra o fascismo. Faleceu em Toronto, Canadá, em 1940.

Sobre anarquismo, sexo e casamento trata de temas como o controle de natalidade, o puritanismo norte-americano, a repressão sexual, o amor livre, o ciúme, a prostituição, a homossexualidade, a desigualdade entre os sexos, a maternidade, a emancipação feminina, o movimento sufragista na Inglaterra e Estados Unidos e a trajetória de uma série de mulheres extraordinárias, dentre elas heroínas e mártires do movimento revolucionário russo. O contexto no qual esses textos foram escritos passou pela Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa e a ascensão do fascismo italiano e do nacional-socialismo na Alemanha. A condição de Goldman como russa, judia, anarquista e crítica implacável do puritanismo estadunidense à autocracia soviética, tornaram-na ainda mais vulnerável em relação ao ativismo pela condição da mulher — dos Estados Unidos à Rússia, e nos mais diferentes círculos.

Mariana Lins é doutora em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e trabalha na interface entre filosofia, literatura, política e crítica literária, com destaque para a filosofia de Nietzsche, a literatura de Dostoiévski e o movimento populista russo da segunda metade do XIX. É autora do livro *O herói niilista e o impossível além do homem: uma investigação filosófica do romance Os demônios de Fiódor Dostoiévski*. Atualmente, é bolsista de pós-doutorado pela Universidade Federal de Sergipe, onde também atua como professora colaboradora nos cursos de graduação e pós-graduação em Filosofia.

Sumário

Introdução, <i>por Mariana Lins</i>	7
SOBRE ANARQUISMO, SEXO E CASAMENTO.	61
Anarquia e a questão do sexo	63
Casamento	69
O que há na anarquia para as mulheres?	77
A nova mulher	83
A hipocrisia do puritanismo	85
Tráfico de mulheres	95
O sufrágio feminino	113
A tragédia da mulher emancipada	129
Casamento e amor	141
Mary Wollstonecraft	153
Causas e possível cura para o ciúme	165
Vítimas da moralidade	175
Os aspectos sociais do controle de natalidade	185
Novamente o movimento do controle de natalidade	195
O camaleônico sufrágio feminino	201
Louise Michel, uma refutação	211
Mulheres heroicas da Revolução Russa	227
As visões de Emma sobre o amor	239
A luta do feminismo não foi em vão	243
O elemento sexual da vida	247

Introdução

A suma sacerdotisa do anarquismo

MARIANA LINS

Sobre anarquismo, sexo e casamento é uma coletânea de textos — publicados e não publicados —, uma entrevista e um rascunho inacabado. Nos quase quarenta anos que separam o primeiro texto, escrito em 1896, aos 27 anos, do último, de aproximadamente 1935, Goldman viajou incansáveis vezes pelos Estados Unidos, além da Europa, em diversas turnês de conferências — volta e meia, vigiadas explicitamente por bandos de policiais, quando não canceladas pelas autoridades —; organizou e participou de uma série de atividades como comícios, greves, levantamento de fundos para presos políticos, protestos e até mesmo bailes. É conhecida a anedota, relatada em sua autobiografia *Living my life*, em que ao ser repreendida por dançar, ou seja, por se permitir uma *frivolidade* que poderia manchar a reputação da causa anarquista, uma Goldman, furiosa, rebateu com a declaração de que o anarquismo, para ela, significava a concretização de um ideal: o da liberdade, do direito à autoexpressão e às coisas belas e radiantes, apesar das prisões e perseguições políticas e de tudo o mais que há de cruel e terrível neste nosso mundo. Conforme declara em um dos textos aqui traduzidos,¹ não é correto dizer que a liberdade só poderá ser alcançada com a implementação do anarquismo. Afinal, se os pais não forem eles mesmos livres, não se poderá esperar que a “nova geração” ajude a atingir o objetivo “que é o estabelecimento de uma sociedade anarquista”.

1. Conferir “Anarquia e a questão do sexo”, p. 63.

Também nesses quase quarenta anos, Goldman foi presa um sem-número de vezes, perdendo a cidadania estadunidense em 1909. Até que, em 1917, sob o clima de histeria patriótica, com a entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra, e de paranoia antivermelha, por conta da Revolução Bolchevique, foi acusada de violar a lei do alistamento seletivo,² promulgada pouco mais de um mês após a declaração de guerra dos Estados Unidos à Alemanha, e que tornava obrigatório o alistamento dos homens com idade de vinte um a trinta anos. Devido aos discursos proferidos contra o alistamento, em junho daquele ano, e da tentativa de organizar uma liga contra o recrutamento obrigatório, Goldman foi considerada culpada pelo crime de conspiração, o que lhe rendeu algo em torno de um ano de prisão e, em seguida, a deportação à Rússia, em dezembro de 1919. Nascida em 1869 numa província da Lituânia, então pertencente ao Império Russo, Goldman imigrou com sua irmã Helene para os Estados Unidos em 1885, com o objetivo de se reunir com sua outra irmã, Lena, então já residente em Rochester, Nova York. Posteriormente, as três irmãs foram seguidas por seus pais.

Quando deportada à Rússia, junto a outros 237 militantes políticos imigrantes, Goldman ainda tinha fé na Revolução Russa, apesar das notícias chegadas na América da prisão de diversos anarquistas pelo governo bolchevique. Porém, ao testemunhar em primeira mão a autocracia do governo, com sua rotina de prisões e execuções não só de anarquistas, como de diversos revolucionários destacados e trabalhadores que se opunham ao partido, Goldman desiludiu-se amargamente — tentara mesmo apelar diversas vezes às autoridades bolcheviques, como Lênin e Trótski. Obteve, então, em dezembro de 1921 — juntamente a Alexander Berkman —, autorização para deixar a Rússia, sob o pretexto de representar o Museu Kropótkin numa conferência em Berlim. A partir daí, passa por diversos países, como Suécia, Alemanha, França, Espanha e Inglaterra, e concentra boa

2. Em inglês, no original, *Selective Service Act*.

parte dos seus esforços na denúncia do governo bolchevique e na arrecadação de dinheiro para os prisioneiros políticos. Mesmo antes de Stalin assumir a liderança do partido, Goldman já apelava às consciências dos intelectuais de todo o mundo para que encarassem a gravidade das atrocidades políticas que ocorriam na Rússia sob o pretexto de necessidades revolucionárias. Note-se que, na época, tal acusação ao Estado Soviético, cantado e celebrado por diversos dos mais renomados intelectuais e artistas, era tanto polêmica quanto extremamente audaz. Conforme atesta em “Mulheres heroicas da revolução russa”, de 1925:

Não há opinião pública na Rússia que não seja a do partido governante, e os mártires — homens e mulheres — da Rússia revolucionária se transformaram em párias, no sentido mais amplo que pode haver. Eles não têm nada para os compensar, não podem sequer apelar à consciência do seu país, pois ela foi paralisada. Inclusive, não apenas a consciência da Rússia, mas a consciência do mundo como um todo parece silenciada. [...] diante das evidências esmagadoras da opressão e perseguição extremamente cruéis que ocorrem na Rússia, o mundo está silencioso e insensível.³

E aqui, é inevitável destacar, da perspectiva atual, a qualidade dolorosamente profética de uma outra declaração sua, do mesmo texto: “Os novos autocratas da Rússia desacreditaram os ideais do socialismo e macularam a honra dos seus grandes expoentes”.

3. Conferir p. 237 desta edição.

Sobre anarquismo, sexo e casamento

Anarquia e a questão do sexo¹

O trabalhador, cuja força e músculos são tão admirados pela prole pálida e frágil dos ricos — muito embora o seu trabalho quase não lhe possibilite manter longe da porta de casa o lobo da fome —, casa-se tão somente para ter uma esposa e uma empregada doméstica, a quem deve escravizar da manhã até a noite, de modo que ela faça todos os esforços possíveis para diminuir as despesas. Os seus nervos ficam tão esgotados pelo esforço contínuo de fazer com que o miserável salário do marido possa sustentar a ambos que ela se torna cada vez mais irritável, a ponto de já não ter mais sucesso em esconder a sua indiferença para com o seu senhor e mestre, e, infelizmente, logo chega à conclusão de que as suas esperanças e planos foram por água abaixo. Assim, começa a pensar que o casamento é um fracasso.

AS CORRENTES FICAM CADA VEZ MAIS PESADAS

Como as despesas aumentam ao invés de diminuir, a esposa, ao perder completamente a pouca força que tinha com o casamento, sente-se também traída, e a preocupação constante e o pavor da fome consomem a sua beleza pouco tempo depois do casamento. Ela se sente cada vez mais desanimada, passa a negligenciar as suas tarefas domésticas, e como não há laços de amor e simpatia entre ela e seu marido, de modo a dar-lhes forças para encarar a miséria e a pobreza de suas vidas, ao invés de se apoiarem um no outro, tornam-se cada vez mais estranhos, cada vez mais impacientes com suas falhas.

1. Texto originalmente publicado no jornal anarquista *The Alarm*, da cidade de Chicago, em 1896.

O homem não pode, como o milionário, ir ao clube, assim, vai para algum bar e tenta afogar a sua miséria em um copo qualquer de cerveja ou uísque. A desafortunada parceira de sua miséria, muito honesta para buscar o esquecimento nos braços de um amante e muito pobre para se permitir alguma recreação ou distração que sejam legítimas, permanece em meio ao cenário desmilinguido e mal-ajambrado que ela chama de lar, lamentando amargamente a loucura que fez dela a esposa de um homem pobre.

E, no entanto, não há caminho que lhes permita separarem-se um do outro.

MAS ELES DEVEM USÁ-LAS

Por maiores que sejam os tormentos causados pelas correntes enroladas nos pescoços dos esposos pela lei e pela Igreja, elas não podem ser quebradas a não ser que aquelas duas pessoas optem por que sejam serradas.

Caso a lei seja misericordiosa o suficiente para restituir-lhes a liberdade, todos os detalhes da vida privada de ambos devem ser trazidos à luz. A mulher é condenada pela opinião pública e toda a sua vida é arruinada. O medo dessa desgraça causa, com frequência, o seu colapso sob o peso esmagador da vida de casada, já que não se atreve a ensejar um único protesto contra o sistema ultrajante que tritura não só a ela, mas muitas das suas irmãs.

Os ricos suportam o casamento para evitar o escândalo — os pobres, para o bem de seus filhos e pelo medo da opinião pública. Suas vidas são uma longa prorrogação da hipocrisia e do embuste.

As mulheres que vendem seus favores têm a liberdade de deixar o homem que as compra a qualquer momento, ao passo que a *respeitável esposa* não pode libertar-se de uma união que a degrada.

Todas as uniões não naturais, não santificadas pelo amor, são prostituição, quer sejam ou não sancionadas pela Igreja e pelo Estado. Tais uniões não podem ter outra consequência que não seja a de degradar tanto a moral, quanto a saúde da sociedade.

O SISTEMA É CULPADO

O sistema que força a mulher a vender a sua feminilidade e independência ao melhor candidato é apenas um ramo do mesmo sistema malévolos que dá a poucos o direito de viver da riqueza produzida por seus companheiros. A maioria dos indivíduos tem de trabalhar e ser escravizados para conseguir manter a alma e o corpo minimamente unidos, já que os frutos do seu trabalho são absorvidos por uns poucos vampiros ociosos cercados de todo o luxo e riqueza que se pode comprar.

Imagine, por um momento, dois cenários do nosso sistema social do século XIX.

Olhe para a casa dos ricos, aqueles palácios magníficos cuja mobília cara colocaria milhares de homens e mulheres necessitados em circunstâncias confortáveis. Olhe para os jantares desses filhos e filhas da riqueza, um único prato alimentaria centenas de famintos para quem uma porção de pão com água é luxo. Olhe para esses adeptos da moda enquanto passam seus dias inventando novos meios de diversão egoísta — teatros, bailes, concertos, iatismo, correndo de uma parte do globo para outra na sua busca louca por alegria e prazer. Depois, então, vire-se, por um momento, e olhe para aqueles que produzem a riqueza que paga por essas diversões excessivas e não naturais.

A OUTRA IMAGEM

Olhe para aqueles reunidos em porões escuros e úmidos, onde nunca se respira ar fresco: vestidos com trapos, carregam os seus fardos de miséria do berço ao túmulo; suas crianças correm

pelas ruas nuas e famintas, sem ter ninguém para ofertar-lhes uma palavra amorosa ou cuidado terno, crescem na ignorância e superstição, amaldiçoam o dia do seu nascimento.

Olhe para esse contraste surpreendente, vocês moralistas e filantropos, e me digam quem deve ser culpado por isso! Aquelas que são levadas à prostituição, seja legal ou não, ou aqueles que conduzem suas vítimas a tamanha desmoralização?

A causa reside não na prostituição, mas na sociedade em si mesma; no sistema de desigualdade da propriedade privada, no Estado e na Igreja. No sistema de roubo legalizado, de assassinato e violação de mulheres inocentes e crianças indefesas.

A CURA PARA O MAL

Só depois de este monstro ser destruído, estaremos livres da doença que existe no Senado e em todos os departamentos públicos; nas casas dos ricos e nos barracões miseráveis dos pobres. A humanidade deve se tornar consciente da sua força e das suas capacidades, deve ser livre para iniciar uma nova vida, uma vida melhor e mais nobre.

A prostituição nunca será suprimida pelos meios empregados pelo reverendo doutor Parkhurst² e outros reformistas. Existirá enquanto existir o sistema que lhe dá origem. Quando todos os reformistas unirem os seus esforços com os daqueles que estão lutando pela abolição desse sistema que gera o crime e pela construção de um novo que seja baseado na equidade perfeita — um sistema que garantirá a cada membro, homem, mulher ou criança, todos os frutos do seu trabalho e o direito perfeitamente igual de desfrutar os dons da natureza e de atingir o mais alto

2. Pastor da Igreja Presbiteriana da cidade de Nova York e presidente da Sociedade de Prevenção ao Crime, Charles Henry Parkhurst (1842-1933) deu um sermão, em 1892, cujos trechos publicados num jornal geraram grande repercussão na opinião pública. Nesse, Parkhurst atacou a Tammany Hall (tendência [*political machine*] do Partido Democrata do Estados Unidos) e o Departamento de Polícia da cidade de Nova York pela corrupção estrutural.

conhecimento —, a mulher será autossuficiente e independente. Sua saúde já não será triturada pelo trabalho sem fim e pela escravidão, não mais será ela a vítima do homem, do mesmo modo que o homem não mais será possuído por paixões e vícios doentios e não naturais.

SONHO DE ANARQUISTA

Cada um entrará na vida de casado com força física e confiança moral mútua. Cada um amará e estimará o outro, e trabalhará não apenas para o seu próprio bem-estar: por serem felizes, desejarão também a felicidade universal da humanidade. Os filhos de tais uniões serão fortes e saudáveis, tanto no que diz respeito ao corpo, quanto à mente, e honrarão e respeitarão os seus pais, não porque é o seu dever fazê-lo, mas porque os seus pais merecem. Eles serão instruídos e cuidados por toda a comunidade e serão livres para seguir as suas inclinações, e não haverá necessidade de ensiná-los a bajulação e a arte chula de rapinar seus semelhantes. Seu objetivo na vida será não o de obter poder sobre os seus irmãos, mas o de ganhar o respeito e a estima de cada membro da comunidade.

DIVÓRCIO ANARQUISTA

Para o caso de a união entre um homem e uma mulher tornar-se insatisfatória e desagradável, eles irão de modo tranquilo e amigável separar-se, não rebaixarão as várias relações matrimoniais através da continuação de uma união incompatível.

Se ao invés de perseguirem as vítimas, os reformistas da vez unirem seus esforços para erradicar as causas, a prostituição já não mais desgraçará a humanidade.

Reprimir uma classe e proteger outra é pior do que loucura. É um crime. Não virem as costas, vocês, homens e mulheres morais.

Não permitam que o seu preconceito os influencie: olhem para a questão de um ponto de vista imparcial.

Ao invés de exercer a sua força inutilmente, deem-se as mãos e ajudem a abolir esse sistema corrupto e doente.

Se a vida de casado não lhe roubou a honra e o amor-próprio, se você tem amor por aqueles a quem chama de filhos, você deve, para o seu próprio bem como para o bem deles, buscar a emancipação e instituir a liberdade. Aí então, e não antes, irão os males do matrimônio, finalmente, cessar.

COLEÇÃO «BOLSO»

1. *Don Juan*, Molière
2. *Contos indianos*, Mallarmé
3. *Triunfos*, Petrarca
4. *O retrato de Dorian Gray*, Wilde
5. *A história trágica do Doutor Fausto*, Marlowe
6. *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe
7. *Dos novos sistemas na arte*, Maliévitch
8. *Metamorfoses*, Ovídio
9. *Micromegas e outros contos*, Voltaire
10. *O sobrinho de Rameau*, Diderot
11. *Carta sobre a tolerância*, Locke
12. *Discursos ímpios*, Sade
13. *O príncipe*, Maquiavel
14. *Dao De Jing*, Lao Zi
15. *O fim do ciúme e outros contos*, Proust
16. *Pequenos poemas em prosa*, Baudelaire
17. *Fé e saber*, Hegel
18. *Joana d'Arc*, Michelet
19. *Livro dos mandamentos: 248 preceitos positivos*, Maimônides
20. *O indivíduo, a sociedade e o Estado, e outros ensaios*, Emma Goldman
21. *Eu acuso!*, Zola | *O processo do capitão Dreyfus*, Rui Barbosa
22. *Apologia de Galileu*, Campanella
23. *Sobre verdade e mentira*, Nietzsche
24. *O princípio anarquista e outros ensaios*, Kropotkin
25. *Os soviets traídos pelos bolcheviques*, Rocker
26. *Poemas*, Byron
27. *Sonetos*, Shakespeare
28. *A vida é sonho*, Calderón
29. *Escritos revolucionários*, Malatesta
30. *Sagas*, Strindberg
31. *O mundo ou tratado da luz*, Descartes
32. *Fábula de Polifemo e Galateia e outros poemas*, Góngora
33. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
34. *Escritos sobre arte*, Baudelaire
35. *Cântico dos cânticos*, [Salomão]
36. *Americanismo e fordismo*, Gramsci
37. *O princípio do Estado e outros ensaios*, Bakunin
38. *Balada dos enforcados e outros poemas*, Villon
39. *Sátiras, fábulas, aforismos e profecias*, Da Vinci
40. *O cego e outros contos*, D.H. Lawrence
41. *Rashômon e outros contos*, Akutagawa
42. *História da anarquia (vol. 1)*, Max Nettlau
43. *Imitação de Cristo*, Tomás de Kempis
44. *O casamento do Céu e do Inferno*, Blake
45. *Flossie, a Vênus de quinze anos*, [Swinburne]
46. *Teleny, ou o reverso da medalha*, [Wilde et al.]
47. *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche
48. *No coração das trevas*, Conrad
49. *Viagem sentimental*, Sterne
50. *Arcana Cælestia e Apocalipsis revelata*, Swedenborg
51. *Saga dos Volsungos*, Anônimo do séc. XIII
52. *Um anarquista e outros contos*, Conrad
53. *A monadologia e outros textos*, Leibniz
54. *Cultura estética e liberdade*, Schiller

55. *Poesia basca: das origens à Guerra Civil*
56. *Poesia catalã: das origens à Guerra Civil*
57. *Poesia espanhola: das origens à Guerra Civil*
58. *Poesia galega: das origens à Guerra Civil*
59. *O pequeno Zacarias, chamado Cinábrio*, E.T.A. Hoffmann
60. *Entre camponeses*, Malatesta
61. *O Rabi de Bacherach*, Heine
62. *Um gato indiscreto e outros contos*, Saki
63. *Viagem em volta do meu quarto*, Xavier de Maistre
64. *Hawthorne e seus musgos*, Melville
65. *A metamorfose*, Kafka
66. *Ode ao Vento Oeste e outros poemas*, Shelley
67. *Feitiço de amor e outros contos*, Ludwig Tieck
68. *O corno de si próprio e outros contos*, Sade
69. *Investigação sobre o entendimento humano*, Hume
70. *Sobre os sonhos e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
71. *Sobre a filosofia e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
72. *Sobre a amizade e outros diálogos*, Borges | Osvaldo Ferrari
73. *A voz dos botequins e outros poemas*, Verlaine
74. *Gente de Hemsö*, Strindberg
75. *Senhorita Júlia e outras peças*, Strindberg
76. *Correspondência*, Goethe | Schiller
77. *Poemas da cabana montanhesa*, Saigyö
78. *Autobiografia de uma pulga*, [Stanislas de Rhodes]
79. *A volta do parafuso*, Henry James
80. *Ode sobre a melancolia e outros poemas*, Keats
81. *Carmilla — A vampira de Karnstein*, Sheridan Le Fanu
82. *Pensamento político de Maquiavel*, Fichte
83. *Inferno*, Strindberg
84. *Contos clássicos de vampiro*, Byron, Stoker e outros
85. *O primeiro Hamlet*, Shakespeare
86. *Noites egípcias e outros contos*, Púchkin
87. *Jerusalém*, Blake
88. *As bacantes*, Eurípides
89. *Emília Galotti*, Lessing
90. *Viagem aos Estados Unidos*, Tocqueville
91. *Émile e Sophie ou os solitários*, Rousseau
92. *Manifesto comunista*, Marx e Engels
93. *A fábrica de robôs*, Karel Tchépek
94. *Sobre a filosofia e seu método — Parerga e paralipomena (v. II, t. 1)*, Schopenhauer
95. *O novo Epicuro: as delícias do sexo*, Edward Sellon
96. *Revolução e liberdade: cartas de 1845 a 1875*, Bakunin
97. *Sobre a liberdade*, Mill
98. *A velha Izerguil e outros contos*, Górkí
99. *Pequeno-burgueses*, Górkí
100. *Primeiro livro dos Amores*, Ovídio
101. *Educação e sociologia*, Durkheim
102. *A nostálgica e outros contos*, Papadiamántis
103. *Lisístrata*, Aristófanes
104. *A cruzada das crianças/ Vidas imaginárias*, Marcel Schwob
105. *O livro de Monelle*, Marcel Schwob
106. *A última folha e outros contos*, O. Henry
107. *Romanceiro cigano*, Lorca
108. *Sobre o riso e a loucura*, [Hipócrates]
109. *Hino a Afrodite e outros poemas*, Safo de Lesbos
110. *Anarquia pela educação*, Élisée Reclus
111. *Ernestine ou o nascimento do amor*, Stendhal

112. *Odisseia*, Homero
113. *O estranho caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, Stevenson
114. *História da anarquia* (vol. 2), Max Nettlau
115. *Sobre a ética — Parerga e paralipomena* (v. II, t. II), Schopenhauer
116. *Contos de amor, de loucura e de morte*, Horacio Quiroga
117. *Memórias do subsolo*, Dostoiévski
118. *A arte da guerra*, Maquiavel
119. *Elogio da loucura*, Erasmo de Rotterdam
120. *Oliver Twist*, Charles Dickens
121. *O ladrão honesto e outros contos*, Dostoiévski
122. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, Nietzsche
123. *Édipo Rei*, Sófocles
124. *Fedro*, Platão
125. *A conjuração de Catilina*, Salústio
126. *O chamado de Cthulhu*, H. P. Lovecraft
127. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Engels

COLEÇÃO «HEDRA EDIÇÕES»

1. *A metamorfose*, Kafka
2. *O príncipe: bilingue*, Maquiavel
3. *Hino a Afrodite e outros poemas: bilingue*, Safo de Lesbos
4. *Jazz rural*, Mário de Andrade
5. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, Friederich Engels
6. *Præterita*, John Ruskin

COLEÇÃO «METABIBLIOTECA»

1. *O desertor*, Silva Alvarenga
2. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, Gabriel Soares de Sousa
3. *Teatro de êxtase*, Pessoa
4. *Oração aos moços*, Rui Barbosa
5. *A pele do lobo e outras peças*, Artur Azevedo
6. *Tratados da terra e gente do Brasil*, Fernão Cardim
7. *O Ateneu*, Raul Pompeia
8. *História da província Santa Cruz*, Gandavo
9. *Cartas a favor da escravidão*, Alencar
10. *Pai contra mãe e outros contos*, Machado de Assis
11. *Iracema*, Alencar
12. *Auto da barca do Inferno*, Gil Vicente
13. *Poemas completos de Alberto Caeiro*, Pessoa
14. *A cidade e as serras*, Eça
15. *Mensagem*, Pessoa
16. *Utopia Brasil*, Darcy Ribeiro
17. *Bom Crioulo*, Adolfo Caminha
18. *Índice das coisas mais notáveis*, Vieira
19. *A carteira de meu tio*, Macedo
20. *Elixir do pajé — poemas de humor, sátira e escatologia*, Bernardo Guimarães
21. *Eu*, Augusto dos Anjos
22. *Farsa de Inês Pereira*, Gil Vicente
23. *O cortiço*, Aluísio Azevedo
24. *O que eu vi, o que nós veremos*, Santos-Dumont

25. *Democracia*, Luiz Gama
26. *Liberdade*, Luiz Gama
27. *A escrava*, Maria Firmina dos Reis
28. *Contos e novelas*, Júlia Lopes de Almeida

COLEÇÃO «ANARC»

1. *Sobre anarquismo, sexo e casamento*, Emma Goldman

COLEÇÃO «QUE HORAS SÃO?»

1. *Lulismo, carisma pop e cultura anticrítica*, Tales Ab'Sáber
2. *Crédito à morte*, Anselm Jappe
3. *Universidade, cidade e cidadania*, Franklin Leopoldo e Silva
4. *O quarto poder: uma outra história*, Paulo Henrique Amorim
5. *Dilma Rousseff e o ódio político*, Tales Ab'Sáber
6. *Descobrimo o Islã no Brasil*, Karla Lima
7. *Michel Temer e o fascismo comum*, Tales Ab'Sáber
8. *Lugar de negro, lugar de branco?*, Douglas Rodrigues Barros
9. *Machismo, racismo, capitalismo identitário*, Pablo Polese
10. *A linguagem fascista*, Carlos Piovezani & Emilio Gentile
11. *A sociedade de controle*, Joyce Souza, Rodolfo Avelino & Sérgio Amadeu da Silveira
12. *Ativismo digital hoje*, Rosemary Segurado, Claudio Penteado & Sérgio Amadeu da Silveira
13. *Desinformação e democracia*, Rosemary Segurado

COLEÇÃO «MUNDO INDÍGENA»

1. *A árvore dos cantos*, Pajés Parahiteri
2. *O surgimento dos pássaros*, Pajés Parahiteri
3. *O surgimento da noite*, Pajés Parahiteri
4. *Os comedores de terra*, Pajés Parahiteri
5. *A terra uma só*, Timóteo Verá Tupã Popyguá
6. *Os cantos do homem-sombra*, Mário Pies & Ponciano Socot
7. *A mulher que virou tatu*, Eliane Camargo
8. *Crônicas de caça e criação*, Uirá Garcia
9. *Círculos de coca e fumaça*, Danilo Paiva Ramos
10. *Nas redes guarani*, Valéria Macedo & Dominique Tilkin Gallois
11. *Os Aruaques*, Max Schmidt

COLEÇÃO «ARTECRÍTICA»

1. *Dostoiévski e a dialética*, Flávio Ricardo Vassoler
2. *O renascimento do autor*, Caio Gagliardi
3. *O homem sem qualidades à espera de Godot*, Robson de Oliveira

COLEÇÃO «NARRATIVAS DA ESCRAVIDÃO»

1. *Incidentes da vida de uma escrava*, Harriet Jacobs
2. *Nascidos na escravidão: depoimentos norte-americanos*, WPA
3. *Narrativa de William W. Brown, escravo fugitivo*, William Wells Brown

COLEÇÃO «WALTER BENJAMIN»

1. *O contador de histórias e outros textos*, Walter Benjamin
2. *Diário parisiense e outros escritos*, Walter Benjamin

«SÉRIE LARGEPOST»

1. *Dao De Jing*, Lao Zi
2. *Escritos sobre literatura*, Sigmund Freud
3. *O destino do erudito*, Fichte
4. *Diários de Adão e Eva*, Mark Twain
5. *Diário de um escritor (1873)*, Dostoiévski

«SÉRIE SEXO»

1. *A vênus das peles*, Sacher-Masoch
2. *O outro lado da moeda*, Oscar Wilde
3. *Poesia Vaginal*, Glauco Mattoso
4. *Perversão: a forma erótica do ódio*, Stoller
5. *A vênus de quinze anos*, Swinburne
6. *Explosão: romance da etnologia*, Hubert Fichte

Adverte-se aos curiosos que se imprimiu este livro na gráfica Meta Brasil, na data de 16 de novembro de 2021, em papel pólen soft, composto em tipologia Minion Pro e Formular, com diversos softwares livres, dentre eles Lua \LaTeX e git.
(v. 6bcobca)

